

O maior saxofonista desconhecido do Brasil

ELOGIADO POR REVISTAS COMO 'CD REVIEW' E 'JAZZ FORUM', IVO PERELMAN NUNCA SE APRESENTOU NO PAÍS

Agilberto Lima/AE — 7/11/93

O brasileiro Ivó Perelman, 35 anos, é um dos saxofonistas mais prolíficos e talentosos da atualidade. A revista *CD Review* disse, a respeito de Perelman: "É o saxofonista mais inovador que surgiu nos últimos 15 anos." A *Jazz Forum* não ficou atrás: "Uma das maiores descobertas do jazz nos últimos anos." Só quem parece ignorar seu talento são, ironicamente, os compatriotas brasileiros.

Louçado como "revolucionário" do jazz por alguns dos críticos mais respeitados do planeta e presença constante na cena internacional, Perelman nunca se apresentou no Brasil. "Parece mentira, mas nunca fui convidado para tocar no meu país", diz o "monstro do sax tenor" (palavras da revista *Option*), há 20 anos nos EUA.

Entre agosto do ano passado e março deste ano terão chegado às lojas americanas e européias — e, com sorte, a algumas brasileiras — nada menos que nove CDs de Perelman. No fim de 1996 ele lançou quatro álbuns: *Tapeba Songs*, uma coleção de versões jazzísticas para músicas infantis; *Blue Monk Variations*, seis variações em torno do clássico *Blue Monk*, de Thelonius Monk; e dois CDs acompanhado por duos famosos — *Sad Life*, com William Parker (contrabaixo) e Rashid Ali (bateria), e *Cama de Terra*, com Parker e o pianista Matthew Shipp.

Nos próximos meses, Perelman lançará outros cinco discos, incluindo um de temas judaicos em parceria com a pianista Marilyn Crispell e com o baterista Jerry Hemingway, e outro acompanhado pelo baixista Dominic Duvall e pelo baterista Jay Rosen. "Estou passando por minha fase mais criativa," diz.

Perelman é um dos mais respeitados expoentes do free jazz — um estilo improvisacional que no passado fez a fama de gente como Albert Ayler. Apesar de o free jazz, por suas características dissonantes, não ser exatamente um campeão de vendas, os CDs de Perelman costumam vender na casa das dez mil unidades, número consi-



Perelman: 'monstro do sax tenor' diz nunca ter sido convidado a tocar aqui

derado ótimo para discos do gênero. "É um público fiel, espalhado por todo o mundo", explica. "As pessoas que gostam de free jazz são realmente fanáticas, compram tudo que sai."

Perelman diz que muitos têm uma idéia distorcida a respeito do free jazz. "É só as pessoas ouvirem a palavra 'improviso' que elas imediatamente associam a bagunça, esculhambação", diz. "Free jazz é a música mais criativa que existe. Improviso é a composição no momento da execução, não é uma combinação de notas aleatórias. Para tocar de improviso, o músico tem

de ser criativo e conhecer a fundo seu instrumento."

Antes de optar pelo sax tenor, Perelman estudou guitarra, violoncelo, clarinete e trombone. Ele saiu de São Paulo há duas décadas para estudar música na Universidade de Berklee, em Boston, e desde então vem construindo um nome respeitado na cena jazzística internacional. "Não me vejo como um músico que abandonou o Brasil, muito pelo contrário. Tive de me mudar para poder desenvolver meu estilo."

Hoje Perelman — que já morou em Los Angeles e Montreal

e que agora se estabelece em Nova York — excursiona frequentemente pela Europa e Estados Unidos. Uma turnê este ano deve incluir também Canadá e Austrália. "Por agora pretendo ficar em Nova York, que é o centro do jazz menos tradicional", afirma o saxofonista. Perelman se apresenta com regularidade na meca do jazz de vanguarda, o clube Knitting Factory (onde gravou um vídeo de um show acompanhado entre outros por Flora Purim e pelo pianista Geri Allen).

Brasil, para ele, só de férias. "Minha música tem enorme influência brasileira, mas infelizmente ainda não tive a chance de mostrar meu trabalho no país." Esta influência brasileira pode ser comprovada pelos temas de seus discos, como *Soccerland* (1994), um álbum de duetos com o percussionista José Eduardo Nazário, inspirado pela paixão pelo futebol, *Man of the Forest* (1995), tributo a Heitor Villa-Lobos, ou *Children of Ibeji* (1992), disco com variações sobre cantos afro-brasileiros. "A música brasileira é tão rica que é impossível não ser influenciado por ela", explica o músico, que diz buscar inspiração em ritmos como samba e maracatu.

Quando excursiona, Perelman frequentemente troca os músicos que o acompanharam, para manter, segundo ele, "um certo desconforto". "Se a coisa ficar confortável é porque está errada", diz. "Gosto de tocar com músicos que me desafiem a buscar novos sons, a experimentar coisas inéditas."

Nessa busca, ele já contou com a ajuda de músicos de primeiro time, como Naná Vasconcellos e John Patitucci. "Música para mim é experimentação, é a superação de limites, é o desafio de tentar coisas novas." Pena que os brasileiros ainda não tiveram chance de checar, ao vivo, esse desafio.

**André Barcinski,
de Nova York,
especial para o JT**